

SER MÃE NA UNILAB/CE: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DE ALGUMAS MÃES (2018-2022)

MILANIA DA COSTA ¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo compreender os desafios, trajetórias e dificuldades enfrentados pelas mães guineenses na Unilab, examinando os aspectos e trajetórias das mães estudantes na conciliação entre as demandas acadêmicas e maternas. A partir disso, analisamos os desafios que enfrentam e suas perspectivas acadêmicas, a fim de entender os fatores que influenciam as mães guineenses a permanecerem nos estudos universitários na Unilab. Esta pesquisa é de natureza bibliográfica e estabelece diálogo com diversas autoras, destacando-se Gomes (2020), Gomes (2016), Lídia (2020), Paula (2020), Ribeiro (2016), Urpia (2009) e outros.

Palavra-Chaves: Unilab, Mães, vida acadêmica.

¹ Graduada em Bacharel em Humanidades pela Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro – Brasileira (Unilab) em 2021, e licenciada em Sociologia pela mesma universidade; Email: milaniadacosta@gmail.com.

INTORDUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar os desafios, trajetórias e as dificuldades das mães discentes guineenses, solteiras, dentro da instituição do ensino superior, no contexto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab/Ceará), bem como, busquei compreender os aspectos e as trajetórias das mães estudantes na conciliação das demandas acadêmicas e maternas. Também analisei junto às mães os desafios e as suas perspectivas acadêmicas e estudantis e procurando entender os fatores que influenciam as mães guineenses a permanecerem nos estudos universitários na Unilab.

Ser uma mãe em nossa cultura Africana é, frequentemente, considerado uma experiência realizadora na vida de uma mulher, enquanto o contrário, ou seja, não ter filho(s) é, às vezes, encarado como ausência de feminilidade, associado à ideia de incompletude a outras práticas em que se associa a mulher (SWAIN, 2007; SÉVON, 2005 apud URPIA, 2009). Em muitas “sociedades” africanas as mulheres que não têm ou não querem ter filhos são outrora associadas à “feitiçaria” ou é uma mulher infértil. Esses imaginários culturais e sociais, associados às mulheres, acabam por criar narrativas que invisibilizam e marginalizam as supracitadas.

Por isso, partimos do pressuposto de que, a formação superior pode proporcionar um desenvolvimento pessoal, profissional e acadêmico a estudante para a superação de obstáculos e a sua inserção e/ou ascensão na sociedade. Historicamente, existe uma disparidade de gênero entre as mulheres e os homens. A universidade, sendo um espaço de produção de relação de poder e de produção de conhecimento, por ser utilizada como um instrumento para fortalecer as lutas sociais desencadeadas pelas mulheres no contexto do ensino superior, podendo ser um elemento de emancipação política, social, econômica e acadêmica (REIS, 2017). Pois, entendemos nas considerações de Oliveira (2008) que:

à gravidez e a maternidade não são apenas fenômenos biológicos, mas, também, fenômenos do contexto cultural, social e afetivo. Ou seja, ainda que a gravidez ocorra dentro do corpo da mulher, as responsabilidades e os significados são construídos dentro do âmbito social em que a gestante está inserida. A universidade, por sua vez, tem papel ponderoso e de extrema importância no percurso da busca pela ascensão pessoal e profissional da mulher, tornando-se um suporte para alcance do objetivo (PAIM, 1998 apud OLIVEIRA, 2008).

Na mesma linha de pensamento, percebe-se que há conexões e rupturas entre as representações e práticas institucionais das diferenças sociais e biológicas estabelecidas entre homens e mulheres. Essas representações acabam por naturalizar e hierarquizar as relações sociais e culturais que relegam as mulheres a desempenharem as funções domésticas e,

sobretudo, a procriação. Posto isto, algumas reflexões nos debates sociais apontam as mulheres como aquelas que deveriam ocupar os papéis domésticos e tendem a colocá-las como intelectualmente inferiores aos homens (SILVA; ALVES; CARVALHO, 2020).

No Brasil, de acordo com (Andifes, 2019; Inep, 2019) as mulheres representam 54,6% dos discentes das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) no Brasil, sendo que no Sudeste elas representam 56,7%. A Sinopse Estatística da Educação Superior 2018, realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), aponta que nas Instituições Públicas de Ensino Superior (IPES), havia 2.077.481 alunos matriculados, deste, 1.070.674 do sexo feminino (INEP, 2019)

Joaquim (2023) salienta que a maternidade ou a paternidade constituem condição de 1 a cada 10 estudantes. Ainda que esteja longe de ser maioria dos (as) discentes das IFES, o conhecimento de suas características socioeconômicas é fundamental para gestores e particularmente para o desenho de políticas de Assistência Estudantil. A rigor, 11,4% têm filhos (as), percentual muito próximo ao observado em 2014. (...) A Pesquisa mostra que 6,4% têm 1 filho (a), 3,3% têm 2 filhos (as); 1,2% têm 3 filhos (as) e 0,5% tem 4 ou mais filhos (as), não havendo em termos percentuais significativa mudança em relação a esta variável de uma para outra pesquisa. Do total de discentes, 110.659 tinham ao menos 1 filho (a) em 2014.

Andifes diz que em 2018, o número acima mencionado subiu para 136.824 estudantes e que entre pais e mães discentes, a maioria absoluta tem 1 filho (a) (56,4%); 28,9% têm 2 filhos (as), 10,4% têm 3 filhos (as) e 4,3% 4 filhos ou mais. A pesquisa aponta que os estudantes com 1 filho (a) quase 60% são mulheres. Desta forma concluíram que: à medida que cresce o número de filhos (as) diminui o percentual de mulheres estudantes, “o que indica que maternidade e vida acadêmica são mais difíceis de conciliar, quando estudantes do sexo feminino têm mais de 1 filho (a) (ANDIFES, 2019, p. 60).

A maioria absoluta de estudantes solteiros (as) com filhos (as) é do sexo feminino correspondendo a 68,5%. Isso é em parte produto da maior proporção delas entre graduandos (as), mas provavelmente está também associado à maior incidência de pessoas do sexo feminino à frente de famílias monoparentais na população em geral.

Joaquim (2023) demonstra que, de acordo com a pesquisa, esses dados devem ser considerados na formulação de políticas de assistência estudantil. Deixar os (as) filhos (as) com familiares não é, em si, um prejudicial, mas arranjos familiares são frequentemente mais instáveis do que suporte institucional. A solução de recorrer às instituições de ensino privada também não é ideal, pois impõe uma carga financeira adicional sobre o estudante, frequentemente já sobrecarregado (a) com as responsabilidades pecuniárias de criar os (as)

filhos (as) e de reservar tempo extra para os estudos. Por fim, “a proporção de estudantes que contam com creches ou outros arranjos de apoio nas universidades é ainda diminuta 5,2%. Em suma, a situação é ainda bastante adversa para boa parte desses (as) estudantes (ANDIFES, 2019, p. 62).

Essas conceitualizações iniciais demonstraram algumas características da situação das estudantes que se tornaram mães durante o percurso universitário que apresentaremos a seguir. Entre as situações encontradas, os trabalhos relatam uma grande dificuldade que as discentes têm em realizar duas funções ao mesmo tempo e com qualidade [maternidade e estudos]. Na pesquisa de Nunes e Silva (2020), por exemplo, uma participante relata uma incapacidade por não ser boa em algo “não soa melhor no trabalho, não sou uma mãe que meus filhos merecem ter, não tenho bom desempenho na faculdade, não sou uma boa dona de casa. Sempre estou cansada e estressada” (p. 59). Assim como ela, outras participantes da pesquisa relataram um tremendo desgaste e uma rotina agitada.

Com o passar dos anos o número de mulheres mães nas universidades brasileiras tem aumentado, tudo porque as mulheres sempre mostraram capacidade e interesse em concluir seus estudos, mesmo quando são mães. Embora a maternidade possa impactar de alguma forma a formação na vida acadêmica, ela não é um impedimento para que essas mulheres frequentem a universidade e concluam sua graduação. No entanto, o problema ligado às mães estudantes na Unilab não partiu, até então, de um estudo por parte das próprias acadêmicas que são mães. Ser mãe e estudante pode influenciar negativamente no seu desenvolvimento acadêmico e nas suas atividades extracurriculares e não só. Em várias situações, essas mulheres mães são obrigadas a lidar e a conciliar mais trabalhos domésticos e passam dificuldades econômicas, sociais e acadêmicas. De acordo com Paula (2020),

os impactos sociais e da construção do espaço feminino no mercado de trabalho demonstram grandes disparidades, pois nota-se que os números de mulheres nas universidades ainda é reduzido em comparação com os homens na vida acadêmica, ou seja, as mulheres continuam ocupando um espaço de menos destaque nas carreiras profissionais, o desejo de se tornar mãe pode ser adiado, dependendo do contexto social e cultural, acadêmico e financeiro. Em algumas situações, pode ocorrer a gestão sem o planejamento. Neste sentido, essas condições podem gerar impactos tanto positivos quanto negativos, provindo de uma gestação esperada ou a mesma ocorrida sem o devido planejamento. Quando esse evento ocorre sem um planejamento ou sem o desejo, as mesmas enfrentam vários conflitos internos em ter que lidar com uma nova identidade e papel social, como mudanças físicas e psíquicas ocasionando pensamentos positivos ou negativos quanto ao futuro, além de se depararem com dificuldades de enfrentamento em relação a continuar ou desistir da graduação (PAULA, 2020, p.12).

A experiência das jovens universitárias Unilabianas que no processo da formação superior se tornam mães, começa a deparar-se com várias dificuldades, desafios em simultâneo, tarefas de conciliar maternidade e a vida acadêmica como foi mencionado anteriormente. Em alguns casos, as mães universitárias redobram os seus esforços, lutando pelo sucesso no curso e, conseqüentemente, para a conclusão do curso, num contexto marcado por uma história e tradição androcêntricas², que não cessa de colocar barreiras para a mulher que pretende avançar na carreira acadêmica (URPIA e SAMPAIO, 2011).

No contexto da academia de modo geral, em especial, no ensino superior para os que vêm de outras realidades e não só, ser mãe universitária traz uma série de dificuldades segundo os relatos de mulheres-mães parte desta pesquisa, principalmente aquelas relacionadas ao preconceito do gênero entre maternidade e vida acadêmica. (MANSON, GOUDEN, 2002; AQUINO, 2006). Antes de ser mãe, a mulher enfrenta algumas dificuldades que podemos considerar “menores”, mas quando se torna mãe e, sobretudo, fora do seu país de origem, a situação torna-se mais complexa, pois as mães enfrentam os desafios “do estar longe” dos seus familiares e, em algumas situações, os pais não apoiam “o gestar durante” a graduação fora do contexto sociocultural.

Por isso, levamos em consideração as narrativas das mulheres no que diz respeito ao ser mãe e acadêmica na Unilab como uma das tarefas complexas, pois a mulher tem que conciliar a função de mãe e de acadêmica. Assim, diante do objetivo traçado que é compreender os desafios, as trajetórias e as dificuldades das mães guineenses na UNILAB, colocamos as nossas interlocutoras as seguintes perguntas: qual é o seu entendimento sobre ser mãe-estudante na UNILAB? Como você experiencia/vivencia a maternidade no seu curso? Você planejou ter um/a filho/a? Como você tenta conciliar as funções acadêmicas e maternais? Existem políticas na universidade destinadas às mães-estudantes na UNILAB? Qual(is) papel(is) a UNILAB deveria adotar, considerando as necessidades das mães-estudantes no que concerne às suas permanências no ensino? Como tem sido o papel paterno? Existe apoio dos conhecidos (ou não) no processo maternal?

Este artigo se justifica a partir da minha própria experiência de engravidar no início do semestre de 2018.2, durante minha jornada acadêmica. Enfrentei desafios e medos, principalmente porque minha família estava distante, em Guiné-Bissau. Ao longo da gravidez, contei com o apoio moral de vários amigos e amigas que estiveram ao meu lado, apoiando-me

² Refere-se a supervalorização do homem, e de suas experiências e comportamentos, não assumindo os seres humanos [homens e mulheres] como iguais, geralmente, desvalorizando as experiências das mulheres ou a busca pelos seus direitos.

desde o início da gestação até o momento do parto. Muitas dessas pessoas continuaram a oferecer sua ajuda em tudo o que fosse necessário para o meu desenvolvimento acadêmico e os cuidados com a criança.

No entanto, no que diz respeito à universidade, não recebi qualquer tipo de ajuda ou apoio para lidar com essa fase da minha vida. Parece não haver um diálogo entre a universidade e as pessoas que enfrentam a gravidez. Até o momento (em 2023), não recebi nenhum suporte institucional por parte da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Ou seja, não existe uma política universitária que atenda às necessidades das mães estudantes.

Ser mãe pela primeira vez enquanto estudante internacional da lusofonia não foi fácil. Esta é a primeira experiência que vivenciei e ainda estou passando por ela, sem poder contar com o apoio da minha família, que está distante no meu país, Guiné-Bissau. Sendo estudante internacional, tenho a obrigação de redobrar meus esforços para cumprir minhas obrigações acadêmicas e cuidar de meu filho. Devido a essa experiência, considere importante elaborar este artigo como meu Trabalho de Conclusão de Curso de Sociologia (TCC) para a obtenção do grau de Licenciada em Sociologia. Meu objetivo é investigar experiências semelhantes de mães guineenses e contribuir para a compreensão da realidade vivida pelas mães na vida acadêmica, buscando formas de lidar melhor com a gravidez na universidade.

Acredito que este trabalho poderá contribuir para que as mães estudantes possam conciliar a vida acadêmica e reivindicar seus direitos, do ponto de vista de exigir da Unilab, como instituição de ensino superior que acolhe alunas nacionais e internacionais, ou seja, se envolver mais diretamente com as estudantes, não apenas em atividades de pesquisa e extensão, mas também através da implementação de políticas de apoio psicológico, financeiro e pedagógico para as mães acadêmicas.

MÉTODOS E CAMINHOS

Para alcançar os objetivos, adotei a pesquisa qualitativa e bibliográfica. De acordo com Minayo (2002), a pesquisa qualitativa é um tipo de pesquisa interpretativa, que trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis e/ou dados estatísticos. Através da abordagem bibliográfica fizemos um levantamento de informações que nos permitiu consultar e obter diversas informações em trabalhos que já foram publicados sobre o assunto em análise. De acordo com Marconi e Lakatos,

a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 183).

O trabalho foi feito na base de pesquisa acadêmica e levantamento bibliográfico, despertando assim o interesse em compreender as dificuldades presentes nos cotidianos das mães solteiras. Evidentemente, essa pesquisa abrange tanto conhecimento teórico quanto prático devido a necessidade de conhecer e compreender a realidade diária dos estudantes que se tornaram mães. Para tal, as referências consultadas serviram como alicerces da nossa discussão e resultados. Isso significa que, através das leituras dos trabalhos tornados públicos, poderemos tirar as novas conclusões sobre as mães guineenses na Unilab.

No entendimento de Minayo (2002), na entrevista semiestruturada não dirigida, o entrevistado tem a liberdade de discorrer sobre o tema em qualquer direção que considere adequada, sem se prender às indagações formuladas. É uma forma de poder detalhar o assunto de forma ampla com perguntas abertas, que podem ser respondidas dentro de uma conversa informal. Entrevistamos 09 mães de diferentes cursos, idades e etnias. As identidades (nomes, sobrenomes ou fotografias) das nossas entrevistadas serão preservadas.

Na base da nossa entrevista, temos duas mães que são de cursos da Farmácia, uma de Agronomia, três de Letras Português, uma de Enfermagem e três de Humanidades. Para conduzir a entrevista, criamos um questionário online usando o Google Forms, com base nas respostas das nove mães entrevistadas, elaboramos perguntas tanto abertas quanto fechadas

Tabela 1: **Acompanhe o quadro de perfil das minhas interlocutoras**

| Nº | Nomes | Idades | Cursos e semestre | Nacionalidades | Pº gestação | Nº de filhos |
|----|-------|--------|------------------------|----------------|-------------|--------------|
| 01 | Mãe 1 | 25 | Farmácia, 7º semestre | Guineense | Sim | Um filho |
| 02 | Mãe 2 | 27 | Farmácia, 7º semestre | Angolana | Sim | Um filho |
| 03 | Mãe 3 | 25 | Agronomia, 8º semestre | Guineense | Sim | Uma filha |

| | | | | | | |
|----|-------|----|------------------------------|-------------|-----|-------------|
| 04 | Mãe 4 | 29 | Humanidade, 4º semestre | Moçambicana | Sim | Um filho |
| 05 | Mãe 5 | 27 | Humanidade, 5º semestre | Guineense | Sim | Uma filha |
| 06 | Mãe 6 | 26 | Letras-língua P, 7º semestre | Guineense | Sim | Uma filha |
| 07 | Mãe 7 | 28 | Enfermagem, 9º semestre | Brasileira | Não | Dois filhos |
| 08 | Mãe 8 | 26 | Humanidades, 4º semestre | Guineense | Sim | Uma filha |
| 09 | Mãe 9 | 29 | Letras língua P, 9º semestre | Guineense | Sim | Uma filha |

Fonte: Elaboração da autora.

PARA CONTEXTUALIZAR A DISCUSSÃO SOBRE O TEMA DAS MULHERES.

Recorrendo aos aparatos sociológicos e sócio-históricos podemos perceber como as mulheres foram envolvidas ao longo da história e quais papéis foram atribuídos. A identidade de gênero da mulher é (pré)construída desde o nascimento, com uma visão que enfatiza a feminilidade, a procriação/maternidade e os trabalhos domésticos, sendo que a responsabilidade pelo cuidado da casa lhes é imposta. Devido a essas construções, as mulheres foram social, cultural e historicamente excluídas em grande maioria dos espaços de produção de conhecimento, por exemplo, e passaram a ocupar outras funções. Na academia, as mães universitárias são obrigadas a conciliar a função de mãe, trabalhos domésticos e a vida acadêmica, como foi apontado na introdução.

A construção do imaginário sociocultural em torno da maternidade é tão consistente que, não obstante, as dificuldades que aparecem no processo de tornar-se mãe ou ser mãe são quase sempre minimizadas ou invisibilizadas por uma postura androcêntrica em função de pensarmos as mulheres como possuidoras de uma “essência feminina” ligada à procriação, que as orientam, naturalmente, para as necessidades dos cuidados de seus filhos e da casa. Nesse sentido, a mulher-mãe-acadêmica é associada àquela que ama e gosta de crianças e, intuitivamente, sabe o que fazer com elas, cuidando de seus filhos, sem qualquer tipo de

ambivalência, pois no imaginário social, o trabalho da mulher é associado ao cuidado (URPIA, 2009).

Além de descrever uma mulher no singular, negando as múltiplas faces da maternidade e outros papéis associados à maternidade que se situa na interseção entre o subjetivo, cultural e o social. Assim, alguns autores consideram que é esta tensão entre a constante e completa responsabilidade atribuída à figura feminina e todas as imagens e crenças acerca da maternidade que cria ambivalência nas mulheres quando estas se tornam mães (URPAI, 2009). Lembrando-se que, ser mulher e mãe é uma construção social, cultural, histórica e política que se configura com os outros nas diversas experiências e vivências ao longo do processo de socialização em cada sociedade, grupos sociais, culturais ou étnicos. As posições que cada uma vai ocupar na sociedade também é uma construção e dependerá dos valores estabelecidos na sociedade que atribui uma determinada função para homem/mulher (LÍDIA, 2020). Essas construções demarcam, outrora, as hierarquias, nas quais pairam as desigualdades sociais e políticas, sendo, portanto, como uma “norma”, do ponto de vista racial de gênero, etnia, classe e geracional como uma visão patriarcal onde impera o androcentrismo e a família nuclear chefiada pelo homem e a mulher é colocada num lugar “inferiorizado”.

Com o surgimento e o desenvolvimento do capitalismo, desenham-se significados específicos à maternidade, associando a mulher ao cuidado da casa, ou seja, aos trabalhos domésticos e ao cuidado dos/as filhos/as (LÍDIA, 2020). As mudanças trazidas pela industrialização e o capitalismo dividem a esfera pública da esfera privada da família, atribuindo aos pais a responsabilidade do sustento da casa e a mulher ao cuidado da casa (GRADVOHL, OSIS e MAKUCH (2014 apud LÍDIA, 2020), nesta sequência de análise, percebe-se que no âmbito da vida privada, a família nuclear tem a tarefa de prover os meios para a garantia do sustento material da família e, essencialmente, transmitir valores que mantenham a cultura dominante (cultura androcêntrica; o homem no centro das relações), atribuindo aos pais a responsabilidade de cuidar de seus filhos, onde caberia à mãe a função exclusiva do cuidado e ao pai à tarefa de prover o sustento, estabelecendo diferenciação dos papéis entre homens e mulheres (ÁVILA, 2018 APUD LÍDIA, 2020). Essas situações por vezes colocam a mulher numa situação de dependência total do seu esposo o que, de alguma maneira, acaba por colocar a mulher numa situação de difícil emancipação política, social, econômica e acadêmica.

Ademais, o trabalho, na família, enfim, nas sociedades evidencia as relações desiguais entre homens e mulheres; relações que demarcam as hierarquias de gênero, sendo, o homem no centro, e esse fenômeno ocorre até mesmo quando estes(as) pertencem à mesma classe

social como, por exemplo, professor, empresário, médico, etc. Aos homens pela sua condição social, lhes são permitidos um conjunto de atribuições que são socialmente definidas e aceites como “normais” enquanto funções de que devem ser ocupados pelos homens, já as mulheres devem estar totalmente submetidas à autoridade do homem.

Essas submissões, ora do pai, ora do marido, ora do patrão, devido a sensação de tê-los como papel “natural”, ao passo que o de mãe, baluarte social da sociedade sendo, portanto, entendido como guardião das relações familiares. A mulher enquanto sexo, “sexo segunda” deve trabalhar para garantir uma renda complementar, porém a ela não são garantidos os mesmos direitos políticos que aos homens, mesmo que formalmente, o peso de ser mulher socialmente a oprime de certos lugares de tomada de decisão (MATOS, 2008).

Para Matos (2008), nas sociedades contemporâneas evidenciam-se as relações desiguais entre homens e mulheres. Além do mais, quando se estabelece um contrato entre membros de uma sociedade que detinham anteriormente posições de desigualdade, a relação assimétrica não é atenuada pelo pacto que as partes constituem entre si. Aos homens pela sua condição social, lhes são permitidas um conjunto de atribuições que são socialmente definidas enquanto funções masculinas, já as mulheres devem estar totalmente submetidas à autoridade masculina. ao analisarmos os papéis desempenhados pelos homens e mulheres em nossa sociedade, nota-se que geralmente ao homem é designado o papel de maior evidência e importância social do que às mulheres (LÍDEA, 2020).

Na mesma linha do argumento Stasevskas (1999) afirma que a necessidade de busca pelo sustento da casa entra em cena, a mãe traz um sentimento de grande sobrecarga, e a responsabilidade de lidar com seu/sua filho(a) diariamente. Essa ocupação, por vezes, influencia a decisão de reduzir o número de filhos a ter. Com efeito, a grande preocupação da maioria das mães de classe trabalhadora gira em torno da melhoria de condições de vida, dobrando esforços para realizar os seus objetivos que estão ligados aos dos filhos ou filhas. Em algumas circunstâncias, como o caso de mães solteiras na Unilab, sofrem pela ausência de um companheiro ou, ainda, falta de responsabilidade deste em algumas tarefas mais difíceis. Nessas circunstâncias, as mães sobrecarregam-se e responsabilizam-se sozinhas de filho(a), ou seja, no caso da ausência do pai, as mulheres são obrigadas a trabalharem diariamente para cuidar e dar o sustento à família sem mencionar suas atividades acadêmicas. As mulheres mães solteiras que se encontram nessa situação são “em grande parte associada[s] ao potencial que as populações vivendo nesta circunstância têm de estarem submetida[s] às situações de maior pobreza e vulnerabilidade econômica” (CARVALHO, 1998 apud STASEVSKAS 1999).

O espaço do lar, da casa, se apresenta como o espaço da atividade feminina, um espaço

onde um trabalho é desenvolvido diretamente: a dona de casa fia, tece, trata e limpa a casa, ocupa-se dos animais domésticos, assume os deveres da hospitalidade, do acolhimento, dos “amigos” do marido, o zelo dos filhos (PAULA, 2020 *apud* TEDESCHI, 2012). A este respeito, Oyeronke Oyewumi no seu livro “A invenção das mulheres: dando um sentido africano aos discursos de gênero ocidentais (1997)” traz narrativas que evidenciam que a categoria “mulher” é uma invenção; uma invenção que se varia de acordo com o espaço e tempo.

Portanto, corroboramos com Lídia (2020) em afirmar que os significados e as representações atribuídas à maternidade e às funções das mulheres são produtos da cultura e não do ato “biológico” e se esta, por sua vez, é produto do conjunto das relações sociais, culturais, histórica, política e social processadas para realizar um determinado modo de sociabilidade., de se comportar, compreendemos que é necessário inscrever o debate acerca dos significados da maternidade na acadêmica, sendo importante abrir outros prismas analíticos e interpretativos do lugar da mulher e as funções atribuídas a elas no debate sobre a sociabilidade capitalista – que atravessam a sociedade na contemporaneidade. Essa possibilidade de debate nos permitirá compreender e olhar as opressões que as mulheres passam diariamente nas suas vidas cotidianas. Os olhares internacionais nos possibilitam compreender de forma clara as múltiplas opressões que as mulheres sofrem na nossa sociedade.

A maternidade é um dos grandes suportes cultural e social nas sociedades africanas. Sob o ponto de vista de Lopes(2022), a maternidade na África é tida como uma forma de riqueza e ela não significa uma condição de inferioridade com relação aos homens mas sim como um elemento central da sociedade africana. A autora mostra que no período pré-colonial, as mulheres africanas tinham acesso à terra e exerciam papéis importantes na vida política e religiosa de suas comunidades. No entanto, o colonialismo afetou as dinâmicas culturais em África e introduziu uma política segregacionista em que a divisão do trabalho impedia a circulação efetiva de bens e serviços das mulheres nas comunidades rurais e, ainda assim, as mulheres nessas sociedades são dotadas de poder nos diferentes lugares e posições que ocupam em suas comunidades e famílias. Na Guiné-Bissau, por exemplo, com frequência, a mãe é responsável pela educação escolar e sustento dos filhos e da família, tida como uma das figuras importantes.

DESAFIOS E PERSPECTIVAS DAS MÃES DISCENTES

Segundo as múltiplas abordagens sobre/de gênero, as diferenças nos níveis educacionais não decorrem das características biológicas como outrora são empregadas, mas sim, são resultado das condições históricas, sociais, culturais, políticas e estruturais da

conformação social de cada sociedade ao longo do seu processo de crescimento/desenvolvimento (LOURO, 1997; SCOTT, 2012 apud GOMES, 2020). Outrossim, a naturalização dos papéis e das relações de gênero faz parte de uma ideologia e não de um ato “natural” como por vezes se tenta fazer crer que esta realidade é fruto da biologia, remetendo-a como ato normal de uma essência masculina e feminina, como se homens e mulheres já nascessem assim. Aliás, criam-se as narrativas para justificar tais atos e comportamentos outrora machistas.

Ora, o que é ser mulher é ser homem guineense não é fruto da natureza, mas sim, é uma construção social e cultural, pois as pessoas vão aprendendo a ser uma mulher e um homem, em um determinado contexto étnico, ou, em em algum momento histórico, social e cultural localizado no espaço e tempo. Por isso, desnaturalizar e explicar os mecanismos que conformam esses papéis é fundamental para compreender as relações entre homens e mulheres como uma construção, e, também o seu papel na construção do conjunto das relações sociais que se pairam na sociedade (GOMES, 2016).

O país [Guiné-Bissau], historicamente, as mulheres eram “associadas” ao interior (dentro), fechado, escuro, e o privado, sendo orientadas a permanecer nas funções de mãe e nos trabalhos domésticos, cuidando da casa e dos filhos, sendo obedientes ao seu parceiro, decorrendo no fato de que atitudes e comportamentos de homens e mulheres socialmente categorizados a partir de herança cultural, social e política (GOMES, 2016). Nessa compreensão, o

papel feminino tradicional estabelece a maternidade como principal atribuição das mulheres e, com isso também o cuidado da casa e dos filhos, a tarefa de guardiã do afeto e da moral na família. Ela é uma pessoa que deve sentir-se realizada em casa. O homem típico é considerado o provedor, isto é, o que trabalha fora, traz o sustento da família, realiza-se fora de casa, no espaço público. Para uma mulher, ainda é considerado mais adequado ser meiga, atenciosa, maternal, frágil, dengosa, e do homem, o que ainda se espera, é que tenha força, iniciativa, objetividade, racionalidade (NOBRE, 2005 apud GOMES, 2016, p.27).

A desigualdade e a disparidade educacional entre os homens e mulheres, faz parte do processo histórico e social da realidade Bissau-guineense desde o processo da colonização até os dias atuais em que estamos a escrever este texto. A educação das meninas (embora houvesse algumas poucas mudanças positivas) parece estar restringida ao lar, aos trabalhos domésticos, que lhes possibilitam a faculdade de melhor cuidar da casa, dos filhos, de serem *boas* esposas e mães, e em algumas circunstâncias de se submeterem nos seus casamentos.

No ensino superior guineense, existe uma grande disparidade, com relação aos meninos e as meninas. As meninas são as mais prejudicadas, pois sempre são chamadas pelas mães para

ajudarem nos trabalhos domésticos e acabam por não terem as mesmas oportunidades com os meninos, assim como nas atividades geradoras de rendimento (economia informal), tido como principal sustento da família (Gomes, 2016 & 2019). Ainda aparece o fator de casamento e as gravidezes precoces que não favorecem a participação das meninas na escola quando uma menina fica grávida pode perder o ano escolar e até pode correr o risco de não continuar a estudar. Todos esses elementos contribuem muito na fraca participação da mulher guineense na vida política e nas esferas de decisão na família e na sociedade em geral (GOMES, 2016).

Torna-se visível o quão problemático a feminilização em alguns setores da sociedade bissau-guineense é, pois se trata de inferiorizar e hierarquizar, colocar à margem da sociedade, diminuir oportunidades de vida, dificultar ascensão econômica, política, social e humana das mulheres, principalmente, das mulheres de classes baixas ou dos que vêm do interior do país. Dessa forma, diariamente as mulheres mães são coagidas/obrigadas e instruídas a adquirir certas práticas relacionadas à maternidade, sendo obrigadas a se desdobrar psicológica e fisicamente em nome do “cuidado materno”, frequentemente, tendo suas vontades próprias e características subjetivas surrupiadas com o propósito de manutenção do sistema patriarcal que ainda as marginalizam (RIBEIRO, 2017).

Por isso, é importante lembrar que, o acesso à educação das mulheres guineenses foi uma conquista de vários movimentos sociais de caráter “feministas” para eliminar/diminuir a disparidade escolar entre as mulheres e os homens, lutando para uma equidade de gênero. A constituição de 1984 estabelece algumas mudanças significativas no sistema educacional, político e social do país. A mesma estabelece como fito possibilitar uma vida digna aos Bissau-guineenses e a maior participação popular na gestão do país. Conforme segue no artigo da Carta Magna no seu,

Art. 16. 1- A educação visa a formação do homem. Ela deverá manter--se estreitamente ligada ao trabalho produtivo, proporcionar a aquisição de qualificações, conhecimentos e valores que permitam ao cidadão inserir-se na comunidade e contribuir para o seu incessante progresso;

2- O Estado considera a liquidação do analfabetismo como uma tarefa fundamental.

Art. 49. 1- Todo o cidadão tem o direito e o dever da educação;

2- O Estado promove gradualmente a gratuidade e a igual possibilidade de acesso de todos os cidadãos aos diversos graus de ensino;

3- É garantido o direito de criação de escolas privadas e cooperativas;

4- O ensino público não será confessional (GUINÉ-BISSAU, 1996).

Com a promulgação das leis, o acesso à educação passou a ser um direito de todos e todas, sendo, portanto, um dever do Estado proporcionar uma educação de qualidade para os Bissau-guineenses. A Guiné-Bissau pode ser vista como um exemplo de muitos países que não conseguiram eliminar ou diminuir as desigualdades e as discrepâncias da educação existente entre os homens e as mulheres. Estas situações têm colocado as mulheres numa condição

desfavorável a dos homens o que em certa medida continua (re) produzindo as desigualdades entre as mulheres e os homens.

Diante das necessidades de diversas ordens sociais, econômicas, políticas, culturais, etc., os indivíduos buscam crescimento acadêmico, profissional, pessoal e social através da inserção na educação superior, ou seja, entendem-se que a educação superior pode ser um instrumento importante para superar muitas barreiras sociais, culturais, históricas e sociais. Para a mulher guineense dentro da Unilab, a universidade é como local de busca de emancipação feminina, devendo, então, procurar subsidiar todos os indivíduos que nela se encontram e encontrarão. Considerando que ela (universidade) é um espaço de formação e de construção de saberes acadêmico-científicos, é extremamente importante refletir sobre causas e efeitos (histórico-culturais, sociais e políticos) das desigualdades sociais e de gênero.

Mas, antes de ter vindo para Unilab, lembramos das instituições de ensino de nosso país de origem (me incluo como guineense). Após a independência, as mudanças no ensino superior na Guiné-Bissau deixam a “desejar”, pois em grande maioria não ocorreu o processo da transformação e da “democratização” do ensino superior universitário que procurasse romper com os padrões excludentes de um modelo de educação demarcado pela “elitização”. Com a existência das universidades privadas no país, houve uma expressiva inserção e a permanência das mulheres e de estudantes oriundos das condições desfavoráveis. A inserção das mulheres nas universidades privadas do país vem se intensificando cada vez mais no desenvolvimento e na mudança de paradigmas sociais e culturais, lutando em prol de uma sociedade mais igualitária. Nesse sentido, para Teixeira e Baticam (2020), o acesso à educação, infelizmente, não é assumido ou é assumido seletivamente pelo Estado guineense. Posto isto, em muitas situações, são as mulheres *bideras*³ que assumem os custos dos estudos das suas filhas, e colocam-nas nas instituições de ensino superior privadas.

O que é ser mãe na nossa sociedade guineense na Unilab? Ensino superior e a maternidade

A entrada das mulheres no ensino superior não elimina outros obstáculos. Porém, (Gomes, 2020) enfatiza que o tempo de realização de estudos universitários acaba por coincidir com outras etapas da vida, como mudanças nas relações familiares, afetivas e sexuais de uma

³ Uma das primeiras conceitualizações sobre bidera, em conformidade aos escritos de Antônio Carreira (1983), é entendida como um conjunto de grupos urbanos e rurais de mulheres de condição social de origem popular, que exercem função social nos mercados públicos (CARREIRA, 1983 apud Teixeira e Baticam, 2020).

parcela significativa da população ou em algumas situações as mulheres acabam por estar grávidas e, conseqüentemente, mães e em simultâneo, sendo estudantes. Olhando para o contexto guineense, podemos perceber de forma hipotética que a gravidez constitui um dos fatores que afastam as meninas guineenses de continuarem os seus estudos. Este fator pode ser explicado de diversas formas, pois em algumas situações a menina não tem a condição de conciliar a posição de mãe e estudante em simultânea. Assim sendo, ela acaba em alguns momentos por abandonar o ensino superior.

Conquanto, a estrutura familiar e a forma de organização da carreira acadêmica continuam a limitar a ascensão acadêmica e profissional das mulheres nesse contexto, especialmente quando estas são mães. Esse processo por vezes é conflitante e não é fácil de conciliá-los. A experiência e a vivência da maternidade na vida de mulheres estudante trazem uma série de dificuldades, especialmente aquelas relacionadas ao preconceito de gênero e ao processo de conciliação entre maternidade e vida acadêmica, o que já não ocorre entre os homens, que tendem a ascender mais rapidamente, quando são pais (MANSON; GOLDEN, 2002; TABAK, 2002; AQUINO, 2005, 2006 apud GOMES, 2020). Por isso, corroboramos com Ribeiro (2016) e Urpia (2009) ao salientar que a maternidade influencia de forma direta no aproveitamento da estudante e aumenta ainda as dificuldades dela em conciliar as suas atividades acadêmicas e as maternas, sendo assim, a mulher se encontra numa situação de desvantagem em relação ao homem, pois as responsabilidades dos cuidados recaem sobre ela.

Para Peti Mama Gomes (2016), ser mãe e ser acadêmica, simultaneamente, é uma tarefa complicada, que outrora parece ser impossível conciliar a função da mãe e universitária. Nesta situação, ainda se torna mais complicada quando a criança é recém-nascida e quando a mãe mora sozinha. Dentre as interlocutoras (mães e estudantes guineenses entrevistadas pela autora), as mães sentem-se limitadas para realizar certas atividades acadêmicas, pois ao estudar elas são obrigadas a fazer outros afazeres. Ser mãe também significa que as rotinas devem mudar, as dificuldades aumentam, mas os sonhos não devem morrer. As mães não renunciam aos sonhos, objetivos e das suas conquistas, continuam acreditando nas suas potencialidades e nas suas capacidades de melhorarem e de superarem sempre os obstáculos. Adaptar uma nova realidade é difícil, mas não é impossível.

Neste sentido, podemos dizer que os desafios são grandes para as mulheres mães acadêmicas da unilab, “juntar a vida estudantil e a vida acadêmica, os momentos dedicados aos trabalhos da faculdade e o cuidado no sentido de amamentação” (GOMES, 2016, p.55). Infelizmente, os desafios foram ainda maiores, pois o surto de doença de Covid-19 que abalou o mundo no início de 2020 até os meados de 2022 mudou as rotinas de mães acadêmicas, sendo

obrigadas 24 horas sobre 24 horas a conciliar as duas funções: funções da mãe e acadêmica. Se as aulas tivessem ocorridas de forma presencial, talvez as mães teriam que procurar uma “babá⁴” o que em certa medida não a sobrecarregaria. Ademais, como as aulas estão sendo remotas e devido às condições financeiras, as mães viviam diariamente numa dupla jornada.

Ser mãe e acadêmica significa ser resiliente e adaptar-se à nova fase da vida e a realidade – da maternidade – tendo que lidar com as duas funções: mãe e acadêmica, sendo, sobretudo, estrangeira sem ter a família próxima para auxiliar em algumas funções (Cunha, 2021). Segundo Gomes (2016), é uma tarefa difícil porque elas têm que cuidar das crianças e do estudo também: dar conta das leituras de textos e livros, elaborar trabalhos como, por exemplo, resumos, fichamentos, artigos, e escrever Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cumprir com as exigências da vida acadêmica, motivo fundamental de sua estadia no Brasil e na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). A situação de maternidade aumenta as responsabilidades, tornando-se um fator de pressão a mais para a mãe. Por questões culturais, o maior peso recai sobre a mãe, sendo, em algumas circunstâncias, atribuída à responsabilidade como se fosse ela que quer ter o/a filho/a (Cunha, 2021).

Ter a percepção deste contexto social e das narrativas que subjagam os corpos femininos, e quando se trata de uma mulher que é mãe e acadêmica? Requer, em primeiro lugar, compreender que, quando a mulher se torna mãe, ela inicia uma nova vida, novos desafios sobre como ensinar, novas responsabilidades, mais trabalho e dificuldades, diferentemente, das mulheres que não têm filhos, nesse contexto, a mãe passa por um processo que exige muitas resiliências para se adaptar a novas situações. Na Unilab, não obstante, mesmo passando muitas dificuldades, as mães acadêmicas têm sido resilientes para superar e conciliar a função de mãe e acadêmica em simultânea. Tais situações não fazem com que as mães se sentem incapazes de realizar os seus sonhos e conquistar os seus objetivos. Portanto, de acordo com as leituras e análises feitas, percebe-se que ainda existe um imaginário que associa o lugar da mulher ao papel doméstico. Além de tudo, a universidade ou o ensino superior é um espaço útil para a desconstrução dos estereótipos sobre as mulheres e, sobretudo, as obrigações impostas às mães acadêmicas.

⁴ Aquela que auxilia nos afazeres domésticos ligados ao bebê, cuidando e brincando com a criança.

Conversando com as mães acadêmicas: Resultados e análise das entrevistas

Na base da nossa entrevista, começamos perguntando: quais são as dificuldades enfrentadas na trajetória de uma mãe estudante. Em alguns casos, essas mães levam seus filhos para aulas diariamente, com base nas respostas das mães, percebemos que cada uma delas relatou suas dificuldades de forma diversa, contudo, as maiores mencionaram o fato de deixarem seus filhos em casa com uma pessoa enquanto estão estudando, e algumas optam por deixar seus filhos com uma cuidadora que também pode resultar em dificuldades para conciliar as responsabilidades acadêmicas. Em palavras de uma mãe que tentou relatar as dificuldades que enfrenta:

Bem, as principais dificuldades que enfrentei nessa trajetória é não saber lidar com as opiniões alheias, e às vezes até das pessoas próximas, falando da minha gravidez; (...) outra também, é as dificuldades financeira, é muito difícil! Principalmente no primeiro momento não tive ajuda de nenhuma família, tivemos que lutar só, com 530 o pouco que a gente ganha, tivemos muitos baixos quase nos primeiros anos de vida da minha princesa. E sem falar da Universidade, que é um desafio. Eu atrasava para chegar a aula, não conseguia dormir bem, além disso tive que estudar para não reprovar, mas como tinha bons professores, por isso, eles sempre me compreendiam (MÃE 7).

As palavras da mãe mencionam algumas dificuldades que foram comuns a praticamente todas as mães na pesquisa. Por exemplo, as “dificuldades em lidar com opiniões alheias” indicam que as mães se mostraram descontentes com as opiniões e julgamentos de outras pessoas, inclusive aquelas próximas a elas, em relação à sua gravidez. Além dos julgamentos e críticas, às questões financeiras (com um orçamento limitado de “530 reais” por mês, valor que é pago mensalmente por todos os estudantes, independentemente de serem mães ou não) também foram destacadas.

A situação financeira foi apontada como uma fonte de estresse que impacta negativamente a vida da mãe e de sua filha ou filho na Unilab. As outras perguntas que fizemos foram as seguintes: “Gostaria de ser mãe novamente enquanto estudante universitária?” e “Você planejou ter um filho?”. A maioria delas responderam que não, apenas uma delas afirmou que sim. Com base nisso, entendo que, como uma mãe estudante e internacional, eu também não gostaria de ser mãe novamente durante o curso e fora do meu círculo familiar. Existem muitas dificuldades, e uma delas é estar longe dos familiares. Sabemos que se estivéssemos perto dos familiares, algumas dificuldades poderiam diminuir, pois as mães universitárias receberiam ajuda de suas mães e das irmãs ou outras parentes próximos. Imagina, nós internacionais não temos essa ajuda, e a pessoa tem que lidar com as dificuldades muitas vezes sozinha, sem experiência e com enormes desafios, além da falta de apoio financeiro. Vivemos com um orçamento de apenas 530, que mal dá para cobrir as despesas básicas, e com a criança, as despesas aumentam muito. Com base nas respostas das mães, fica claro que elas

não planejaram ter filhos enquanto estão estudando. Diante de todas essas dificuldades, a maioria das pessoas opta por não ter mais filhos durante os estudos.

Cumpr-me lembrar que, para as mães de primeira viagem, o desafio de deixar um filho em casa e ir para as aulas, ou deixá-lo aos cuidados de uma cuidadora e, em seguida, cumprir as atividades acadêmicas, é uma realidade constante nos relatos das mães acadêmicas entrevistadas na Unilab. E, independentemente da escolha feita, as dificuldades persistiram e continuam a ser uma parte significativa da vida das estudantes-mães. De natureza igual, não chegar às aulas a tempo, problemas de sono e a necessidade de se esforçar para não reprovar reflete a experiência de uma mãe que está equilibrando a maternidade com os desafios da vida acadêmica.

Por isso, era de suma importância compreender como as mães conseguem conciliar a maternidade com as atividades acadêmicas. Como mencionei anteriormente, a maternidade e as atividades acadêmicas não são fáceis, pois implicam um desgaste psicológico considerável, especialmente nos primeiros meses, quando muitas mães enfrentam a dificuldade da falta de experiência. No pós-parto, algumas mães podem passar por dificuldades psicologicamente, justamente devido à inexperiência. Com base nas respostas obtidas, a maioria das mães compartilharam que realizam suas atividades acadêmicas apenas quando a criança está dormindo. Isso ocorre porque, muitas vezes, elas desejam realizar as tarefas, mas não conseguem fazê-lo enquanto a criança está acordada. Logo, a única opção é esperar até que a criança esteja dormindo para aproveitar esse momento e se concentrar nas atividades acadêmicas. Por outro lado, algumas mães mencionaram que precisam contar com a ajuda de cuidadores para ter um tempo dedicado às suas atividades. Em contrapartida, há aquelas que contam com o pai da criança para dividir as responsabilidades, permitindo que uma cuide da criança enquanto a outra se concentra nas atividades acadêmicas. No entanto, mesmo nesses casos, ocasionalmente, a mãe precisa se ausentar para amamentar a criança.

Nas palavras de mãe 1: “Para conciliar a maternidade e as atividades acadêmicas, é saber gerenciar o tempo tirar o tempo preciso para cuidar do bebê e tarefas de casa, no meu caso a noite costumo estudar e fazer tarefas da escola, de manhã levanto cedo para preparar a comida que vou deixar em casa para meu filho comer enquanto estou na faculdade”. Para que essas mães acadêmicas possam atender às necessidades de seus filhos, realizar tarefas domésticas e, ao mesmo tempo, se dedicar aos estudos, o tempo é um aliado essencial. Ou seja, o comprometimento e a determinação das mães acadêmicas na Unilab, que buscam concluir seus estudos, precisam, antes de tudo, saber lidar e gerenciar o tempo de maneira eficaz. Isso faz parte do aprendizado da maternidade, uma vez que cada criança tem suas próprias

demandas. Um exemplo disso é estudar à noite, o que é uma das estratégias destacadas por algumas mães, especialmente se for um momento em que o bebê está dormindo. No entanto, para as mães cujas aulas são noturnas, elas acordam muito cedo para realizar suas atividades quando podem, porque nem sempre dá certo.

Relembrando que, a maioria dos questionários é aberta e argumentativa, por outro lado, trazemos essa pergunta: “O que a maternidade te ensinou e proporcionou enquanto pessoa ou estudante?” Nesse questionário, como parte da pesquisa, compartilho um pouco da minha experiência como mãe estudante. A maternidade foi e é uma das experiências mais transformadoras da minha vida como mulher. Desde a gravidez, antes mesmo de conceber, quando foram necessários tratamentos hormonais, inúmeros cuidados e adaptações na rotina se fizeram necessários. Meu corpo mudou, minhas prioridades também se reorganizaram, e minha vida passou por uma profunda transformação. Ao me tornar mãe, aprendi a ter empatia com outras pessoas, sejam elas mães ou pessoas que não têm filhos. Cabe a mim respeitar os diferentes valores, formas de maternidade e objetivos de vida de cada uma. Foi somente ao me tornar mãe que percebi e aprendi a olhar para as outras com uma sensação de quem diz “eu te entendo” ou “estou contigo nessa luta”.

Hoje vejo que as mães choram, sentem medo e que não merecem ser julgadas. Sentir empatia é demonstrar amor. Com base nas respostas das meninas três responderam que a maternidade lhes ensinou a serem fortes, as outras duas responderam que aprenderam ser corajosas, isso motiva elas a permanecerem na universidade de modo, que quando olham para as crianças e aparece uma força de fora que acabe de te dizer essa criança depende de ti futuramente que com tanta dificuldade, mas as crianças não lhes impedem de alcançar os seus objetivos. Em palavras, duas mães consideram:

Me ensinou que posso passar por dificuldades e momentos tristes, mas vou superar tudo e ainda vou estar com a coisa mais preciosa da minha vida que é a minha filha [Mãe n4].

A maternidade me ensinou a ser forte para enfrentar todas as dificuldades que estou enfrentando e proporcionou a ter responsabilidade porque já tem alguém sobre meu cuidado [Mãe n9].

Para compreender que a maternidade é uma das fases da vida repleta de emoções, colocamos a seguinte pergunta: Quais são as emoções mais frequentes durante a maternidade? Os relatos de muitas mães giravam em torno de sentimentos variados, mas as emoções mais frequentes percebidas nas respostas individuais destacam-se: o amor profundo e incondicional que as mães sentem por seus filhos e suas filhas; as pequenas alegrias diárias que os filhos e as

filhas proporcionam por meio de sorrisos e abraços espontâneos e a felicidade de testemunhar o crescimento e desenvolvimento de seus filhos e suas filhas. A passagem a seguir é um misto de realizações e felicidades, mas também está repleta de medo e incertezas, segundo a nossa participante de pesquisa.

Quando digo que a maternidade está repleta de emoções, estou me referindo a esses sentimentos que às vezes são tão intensos que é difícil explicar para outras pessoas. Afinal, são muitas emoções em jogo ao mesmo tempo. Às vezes me sinto feliz, outras vezes estou triste, e em outros momentos sinto um frio na barriga. É como se na maternidade vivêssemos uma experiência intensa e caótica. A maioria de nós enfrenta emoções semelhantes; é uma mistura de sentimentos. Mesmo quando estou cansada, basta olhar para o meu filho para encontrar uma força e coragem que eu nem sabia que possuía, uma vontade de superar todas as dificuldades [Mãe n].

Tendo vivenciado a maternidade por mais de três anos, consideramos importante não focar exclusivamente nas dificuldades e trajetórias das mães, mas também desejamos compreender o papel da paternidade. Portanto, foi necessário incluir as seguintes questões: Como tem sido o envolvimento dos pais? Existe apoio de amigos e familiares no processo de maternidade? A partir de suas narrativas, sabemos que a maioria dos pais também são estudantes da UNILAB, o que torna mais fácil obter esse apoio paterno. De natureza igual, quatro delas moram com os pais de seus filhos, o que lhes permite colaborar uns aos outros. Enquanto as mães estão ocupadas com suas atividades, os pais cuidam dos filhos, dando banho e preparando a comida ou colocar para dormir. Aqueles que não têm babá levam as crianças para a escola ou creche enquanto as mães estão na aula, criando um sistema de apoio mútuo. Ou seja, o processo de morar juntos ajuda a compartilhar as despesas, tarefas e cuidados com as crianças. Por outro lado, existem pais que já concluíram o curso e precisam se mudar para outro estado para fazer o mestrado. Nesses casos, as mães ficam sozinhas com a responsabilidade de cuidar das crianças, e os pais “ajudam” quando podem, principalmente durante as férias. Infelizmente, há um relato de uma das mães que afirma não receber nenhum apoio por parte do pai de seu filho.

A partir da ausência do pai, para entender mais sobre as redes de apoio, perguntamos se a Universidade adotou alguma política para as mães estudantes, dizendo: Qual(is) papel(is) a UNILAB deveria assumir, levando em consideração as necessidades das mães-estudantes em relação à sua permanência no ensino superior? Devido a essas dificuldades não estarem isoladas do ambiente acadêmico, consideramos uma pergunta importante no contexto de uma universidade de integração, interiorização e internacionalização considerar a implementação de políticas de apoio aos estudantes que se tornam mães durante as graduações. Por exemplo, a UNILAB não oferece creches para mães que não têm condições de pagar por uma cuidadora.

Isso resulta com que elas tenham que levar bebês muito pequenos para as salas de aula, que sabemos serem bastante geladas. E se for as crianças com idades entre 2 e 3 anos não conseguem ficar quietas na sala de aula, o que torna difícil para as mães se concentrarem nas aulas, já que toda a atenção é direcionada para as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar essa pesquisa foi, sem dúvidas, uma experiência desafiadora, uma vez que também sou uma mãe estudante em processo de conclusão do curso de licenciatura em Sociologia. Além de nove mães, fui parte da pesquisa, de forma direta e indiretamente, por isso, coloquei que precisamos conciliar o pouco tempo que dispunha entre cuidar e estudar dentro e fora da universidade.

Com essa pesquisa constatamos que as dificuldades são reais, que as mães universitárias não têm as mesmas oportunidades, que os demais estudantes que não possuem filhos e que mesmo com tais dificuldades elas encontram estratégias para continuar firmes em suas formações acadêmicas. A motivação para tanto tem origem distintas, não se encontra apenas no desejo de realização pessoal, mas também melhorar as condições de vida tanto dela quanto de seu filho(a) e familiares. A vontade de oferecer um futuro melhor para seu filho(a), faz com que essas mulheres enfrentem diversos obstáculos todos os dias antes de sair de casa, e ainda precisam lidar, muitas vezes, com o preconceito e a falta de compreensão dos colegas e docentes.

Com base nas respostas das mães, concluímos que cada uma delas enfrentam grandes dificuldades. A grande preocupação, por exemplo, é essas mães terem creches universitárias, mas infelizmente a UNILAB não oferece creches para mães que não têm condições de pagar por uma cuidadora. Assim, o presente trabalho contribui no desenvolvimento dos trabalhos sobre as trajetórias das mães estudantes universitárias e ao mesmo tempo, problematiza as dificuldades enfrentadas por elas que, às vezes, interferem nas continuidades dos seus percursos acadêmicos.

Referências Bibliográfica

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2018**: notas estatísticas. Brasília, 2019.

CUNHA, Ana Cássia Alves. **Ser mãe e universitária: entre desafios e afetos**. Projeto de pesquisa (Graduação) - Curso de Bacharelado em Humanidades. Instituto de Humanidades (IH), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Acarape, 2021.

GOMES, Peti Mama. **Ser mulher africana e estudante no contexto da diáspora**: alguns aspectos do cotidiano de estudantes guineenses no maciço de Baturité-Ce. Monografia (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Redenção, 2016.

JOAQUIM, Ananda Raquel De Souza. **Mulheres, mães e universitárias**: uma pesquisa sobre as políticas de permanência para estudantes que se tornam mães nas universidades públicas paulistas/Rio Claro – SP 2023, p.64-65.

LÍDIA, Laís Balbino Gomes. **Mulher, mãe e universitária**: desafios e possibilidades de conciliar a maternidade à vida acadêmica. 2020.

LOPES, Domingo Marciano de Oliveira. **o impacto social da gravidez na adolescência na zona rural da Guiné-Bissau**: um olhar sobre a região de Cacheu - sector de Bula. São Francisco do CONDE 2022

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MATOS, VANESSA CRISTINA SANTOS. Uma análise sobre participação política (ações afirmativas) e cidadania feminina. **Antíteses**, v. 9, p. 171-178, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta; MARTINS, Carlos Benedito. **Ensino superior no Brasil**: uma visão abrangente. 2016.

OYEWUMI, OYERONKE. **The invention of women**: making an African sense of Western gender discourses. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1997.

PAULA, Luma Karuliny de. **Mães Universitárias**: A maternidade no percurso acadêmico e seu impacto na formação da identidade profissional. Universitário Católico Salesiano *Auxilium*, curso de Psicologia, LINS – SP 2020.

PEREIRA, Ana Cristina Furtado; FAVARO, Neide de Almeida Lança Galvão. História da mulher no ensino superior e suas condições atuais de acesso e permanência. **Iv Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação-Sirsse, Paranaíba, v., n, p. 5527-5542, 2017.**

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências**

sociais. 2ª edição. Lisboa: Gradiva, 1998.

REIS, Stefani Angeles Souza. **Ser mãe na universidade**: uma análise da percepção de alunas gestantes e nutrizas acerca das políticas de assistência social de uma IFES. Monografia (de Bacharel em Administração), Universidade Federal de Ouro Preto, MARIANA – MG, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3x5gPye> /acesso no dia 20 de abr. de 2021.

RIBEIRO Flavia Gripp. **Mães estudantes**: desafios da maternidade e da permanência na Universidade enfrentados pelas alunas do Curso de Serviço Social da UnB. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília (UnB) de bacharel em Serviço Social. Brasília 2016

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar; COSTA, Ana Alice Alcantara. Feminismos, feministas e movimentos sociais. **Mulher e relações de gênero**. São Paulo: Loyola, v. 1, p. 81-113, 1994.

SILVA, Jeane Santana da; ALVES, Mirelle Brandão; CARVALHO Gleiciane Brandão. A maternidade na trajetória universitária: desafios percorridos pelas discentes da Universidade Federal do Maranhão-UFMA campus VII Codó. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, p. 42538-42550, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3v5sIm3> /acesso no dia 20 de abr. de 2021.

STASEVSKAS, Kimy Otsuka; **Ser mãe**: Narrativa de hoje em dia, decertoção de mercado apresentada a faculdade de saúde pública, universidade de São Paulo, 1999.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história**: uma introdução teórico metodológica. / Losandro Antonio Tedeschi. – Dourados, MS: Ed. UFGD, 2012.

TEIXEIRA, Ricardino Jacinto Dumas; BATICAM, Sandra Tricia. Movimento social africano de Fijus di bideras de Guiné-Bissau em espaços universitários. **World Tensions/Tensões Mundiais**, v. 16, n. 32, 2020.

URPIA, A. M. de O. **Tornar-se mãe no contexto acadêmico**: narrativas de um self participante. 2009. 200p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2009.